



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

# ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026

PROMOÇÃO

REALIZAÇÃO

FOMENTO

APOIO



## COMUNICAÇÃO CIENTÍFICA

### O INSTAGRAM COMO UM NOVO TERRITÓRIO CULTURAL

### DIGITAL PARA JORNALISTAS NEGRAS À LUZ DA PERSPECTIVA

### DO TRIPLO TETO DE VIDRO (RAÇA, CLASSE E GÊNERO)

Vanessa Rosana Soares da Silva Oliveira<sup>1</sup>; [vanessarosanass@gmail.com](mailto:vanessarosanass@gmail.com)

Dione Oliveira Moura<sup>2</sup>; [dioneoliveiramoura@gmail.com](mailto:dioneoliveiramoura@gmail.com) (coautora)

## RESUMO

Este estudo investiga a influência da presença de jornalistas negras no Instagram, no que concerne à contribuição para a diminuição do "teto de vidro" interseccional (raça, classe e gênero). Utiliza-se uma abordagem qualitativa com base teórica em temas como feminização do mercado de trabalho, interseccionalidade e o papel do Instagram como um novo território cultural. Entrevistas foram conduzidas com jornalistas negras, revelando que o Instagram não é sua principal fonte de renda, mas tem sido relevante para impulsionar suas carreiras e abordar questões interseccionais. As falas das entrevistadas foram analisadas por meio de análise de conteúdo categorial temática, o qual sugeriu que o Instagram pode ajudar a fortalecer essas mulheres profissionalmente e inspirar outras, além de ter apontado para futuras direções de pesquisa e ações para mitigar as barreiras horizontais e verticais enfrentadas por essas jornalistas negras.

## PALAVRAS-CHAVE

Teto de vidro; Instagram; Território cultural; Jornalistas negras; Interseccionalidade.

<sup>1</sup> Jornalista, mestra e doutoranda em Comunicação pela Universidade de Brasília (UnB) e graduanda em Letras-Português pela mesma instituição. Possui especializações na área de comunicação e experiência em produção audiovisual, assessoria de imprensa, *media training*, gestão de crises e organização de eventos institucionais no Brasil e no exterior. Atuou como Editora-Chefe e atualmente é Encarregada da Agência Marinha de Notícias. Participa de bancas de concursos e desenvolve pesquisas sobre jornalistas negras, teto de vidro, mídias digitais, desinformação e educação midiática.

<sup>2</sup> Professora Titular da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília (FAC/UnB) e Diretora da unidade em seu segundo mandato, é jornalista formada pela Universidade Federal de Goiás, com mestrado em Comunicação e doutorado em Ciências da Informação pela UnB. Pesquisa temas relacionados à interface entre Comunicação e Sociedade, com foco em identidade étnico-racial, gênero, jornalismo científico e ambiental, além de igualdade racial e sustentabilidade. É fundadora e primeira presidenta da Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor) e recebeu prêmios como o Adelmo Genro Filho de Pesquisa em Jornalismo e o Prêmio JK Correio Brasileiro 2025.



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

# ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026

PROMOÇÃO

REALIZAÇÃO

FOMENTO

APOIO



## 1. INTRODUÇÃO

Este estudo integra uma pesquisa sobre o perfil das jornalistas negras no Brasil, conduzida desde 2016 pela professora Dione Oliveira Moura e sua equipe de orientandos de graduação e pós-graduação. A presença de jornalistas negras na mídia tradicional — televisão, rádio e jornais — ainda é reduzida. Estudos indicam que menos de 10% dos colunistas são negros, com representatividade ainda menor de mulheres negras (ANTONIO; PAIERO, 2019). Esse cenário revela uma segregação profissional persistente, tanto horizontal quanto vertical, marcada pela concentração dessas profissionais em posições de menor visibilidade dentro da hierarquia jornalística (MOURA; COSTA, 2018).

Nesse contexto, ganha destaque o conceito de “teto de vidro”, utilizado para explicar barreiras invisíveis que dificultam a ascensão profissional das mulheres. No caso das jornalistas negras, esse fenômeno assume uma dimensão mais complexa, caracterizada como “triplo teto de vidro”, resultante da intersecção entre discriminações de gênero, raça e classe social (MOURA; COSTA, 2018). Historicamente, as mulheres enfrentam desigualdades no mercado de trabalho, influenciadas por estruturas patriarcais e por desigualdades estruturais que afetam de forma ainda mais intensa as mulheres negras, refletindo-se em disparidades salariais, assédio e acesso limitado a oportunidades profissionais (FARIA et al., 2019).

Diante da exclusão nos meios tradicionais, a internet surge como um espaço alternativo de atuação profissional. As redes sociais passaram a desempenhar um papel relevante na produção e circulação de informações, tornando-se fontes importantes de conteúdo jornalístico e espaços de visibilidade para profissionais da comunicação (FOLETTTO; FIEPKE; WILHELM, 2018; MARQUES; VIDIGAL, 2018). Nesse ambiente, jornalistas negras encontram novas possibilidades de atuação, representatividade e construção de trajetórias profissionais mais autônomas (PASSONI, 2019).



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

# ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026

PROMOÇÃO

REALIZAÇÃO

FOMENTO

APOIO



Apesar da expansão das plataformas digitais, ainda são limitados os estudos que investigam de que forma as redes sociais influenciam a trajetória profissional dessas profissionais. A literatura existente concentra-se, sobretudo, nos desafios da inclusão digital e nas barreiras impostas pela mídia tradicional (MOURA; COSTA, 2018; PASSONI, 2019), dedicando menor atenção às estratégias adotadas por jornalistas negras para utilizar as redes sociais na construção de novas narrativas e oportunidades profissionais.

Esse debate se insere em um contexto de ampliação do acesso à internet no Brasil. Dados do Cetic.br indicam que 84% da população brasileira com 10 anos ou mais já utiliza a internet (SILVA; OTAVIO, 2023). Paralelamente, políticas públicas como a Lei de Cotas (Lei 12.711/2012) e o Programa Universidade para Todos (PROUNI) ampliaram o acesso de estudantes negros e de baixa renda ao ensino superior (SILVA; CUNHA, 2020). Esses avanços, combinados ao crescimento das redes sociais, contribuem para a abertura de novas possibilidades de inserção profissional para grupos historicamente marginalizados.

Diante desse cenário, esta pesquisa busca responder à seguinte questão: como as redes sociais influenciam a progressão profissional de jornalistas negras no Brasil? Ao investigar essa temática, o estudo pretende contribuir para a compreensão do papel das plataformas digitais na ampliação da visibilidade e das oportunidades profissionais dessas mulheres, além de oferecer subsídios para reflexões acadêmicas e institucionais sobre a promoção de uma mídia mais diversa, inclusiva e representativa.

## 2. O TRIPLO TETO DE VIDRO RAÇA/GÊNERO/CLASSE

A expressão "teto de vidro", ou *glass ceiling*, foi cunhada pela escritora e consultora de gestão norte-americana Marilyn Loden em 1978. Na ocasião, Loden utilizou o termo para representar uma barreira invisível que dificulta o acesso das



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

# ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026

PROMOÇÃO

REALIZAÇÃO

FOMENTO

APOIO



mulheres aos cargos de maior prestígio e liderança dentro das organizações onde atuam (UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, 2023).

O teto de vidro (MESQUITA; TEIXEIRA, 2019) é uma realidade perceptível na carreira das mulheres profissionais. No entanto, nas organizações, se ser mulher é um impeditivo para a subida na escala hierárquica, ser mulher negra é um teto ainda mais espesso. O acréscimo das camadas raça/gênero/classe no teto de vidro da mulher jornalista negra é o que Moura define como o triplo teto raça/gênero/classe (MOURA, 2018; MOURA; COSTA, 2018; MOURA, 2019).

Nos estudos citados de Moura, a autora defende que teto de vidro enfrentado pelas mulheres negras não é simplesmente uma versão ampliada do enfrentado pelas mulheres não-negras; ele incorpora múltiplas camadas de discriminação, especialmente devido à interseccionalidade das opressões que essas mulheres enfrentam. Outras orientandas da mesma equipe de pesquisa orientadas pela professora Dione Moura, no PPGCOM da FAC-UnB, a exemplo de Bruna Mastrella (doutoranda) e Ana Maria Teles (doutoranda), também estão examinando, junto com Moura (TELES; MOURA, 2023; MASTRELLA; MOURA, 2023) as características desse triplo teto de vidro raça/gênero/classe na carreira das mulheres negras brasileiras também nas TVs legislativas e nos Institutos Federais.

Historicamente, a mulher sofre discriminações sociais pelos fatores da desigualdade de gênero. Para além do discurso patriarcal difundido e ainda vigente, as barreiras encontradas pelas mulheres em sua vida, especialmente no quesito profissional, foram estudadas e conceituadas sob o termo “teto de vidro” (MESQUITA; TEIXEIRA, 2019). A expressão, originária dos Estados Unidos (*glass ceiling*), define as situações cotidianas de desigualdade sofridas pelas mulheres em seu ambiente de trabalho por todo o mundo (FERNANDEZ, 2019). O termo procura fazer uma interconexão entre as desigualdades de gênero e classe no ambiente organizacional, ocasionando dificuldades para a ascensão profissional e para a remuneração igualitária



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

# ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026

PROMOÇÃO

REALIZAÇÃO

FOMENTO

APOIO



entre mulheres e homens. Na prática, as mulheres, “mesmo possuindo formação acadêmica, experiência profissional, e incorporando masculinidades, ainda assim enfrentam dificuldades para alcançar cargos gerenciais e de comando na hierarquia das organizações” (MESQUITA; TEIXEIRA, 2019, p. 2).

Para Mesquita e Teixeira (2019), as mulheres negras estão automaticamente em posição subalterna mesmo no interior da sua categoria de gênero, fazendo dela uma subcategoria. Esse preconceito nada mais é do que um reflexo do que acontece na sociedade: o âmbito profissional é apenas mais um lugar no qual a mulher negra é explorada e relegada a funções inferiores, independentemente da sua capacidade e de sua formação profissional.

E essas barreiras horizontais são tão presentes na vida dessas profissionais negras que, de acordo com uma pesquisa chamada "Perfil Racial da Imprensa Brasileira", realizada pelo Jornalistas & Cia, Portal dos Jornalistas, Instituto Corda e I'MAX e divulgada em 17 de novembro de 2021, quase a totalidade dos jornalistas pretos ou pardos no Brasil, mais precisamente 98% deles, acreditam que seus colegas de imprensa brancos têm vantagens significativas em suas carreiras em comparação com eles (PORTAL DOS JORNALISTAS, 2021).

De acordo ainda com os resultados da pesquisa mencionada anteriormente, apesar da população brasileira ser majoritariamente composta por indivíduos negros, representando 56,20% de acordo com a Pesquisa Nacional por Amostras de Domicílios (PNAD)/IBGE de 2019, apenas 20,10% dos profissionais da área de comunicação se autodeclararam como pretos ou pardos. A grande maioria, equivalente a 77,60%, se identificou como brancos. Além disso, a pesquisa revelou que entre os profissionais brancos, a maioria esmagadora, ou seja, 61,8%, ocupa posições de liderança nas redações. Por outro lado, no caso dos profissionais que se identificaram como negros, a pesquisa apontou que, em contraste com os jornalistas brancos, a maioria, ou seja, 60,2%, desempenha funções operacionais, como repórteres, redatores e produtores.



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

# ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026

PROMOÇÃO

REALIZAÇÃO

FOMENTO

APOIO



Jornalistas negros em cargos de liderança dentro dos veículos de comunicação são uma minoria ainda mais escassa (PORTAL DOS JORNALISTAS, 2021).

Além dos números mencionados, a pesquisa também indica que houve um considerável avanço na precarização do trabalho jornalístico, evidenciado por vários fatores. De acordo com a mesma pesquisa sobre raça na imprensa, a distribuição dos jornalistas por áreas de atuação mostra uma presença um pouco menor de profissionais trabalhando fora do âmbito da mídia, representando 35% em comparação com os 40% observados anteriormente.

No que se refere aos tipos de contratação, observou-se uma diminuição nos contratos de trabalho regidos pela Consolidação das Leis de Trabalho (CLT), ao passo que as formas precárias de emprego aumentaram, atingindo 24%, o que inclui freelancers, prestadores de serviços sem contrato, trabalhadores como pessoas jurídicas e microempreendedores individuais. No que diz respeito à jornada de trabalho, é preocupante o fato de que 42,2% dos jornalistas ainda enfrentam jornadas diárias superiores a 8 horas.

Todos os indicadores relacionados à saúde dos jornalistas confirmam a deterioração das condições de trabalho, resultando em efeitos prejudiciais, especialmente em termos de níveis elevados de estresse e disseminação de formas de assédio moral. Além disso, houve um aumento na identificação ideológica dos jornalistas com a esquerda do espectro político, enquanto a identificação com a direita diminuiu, juntamente com uma maior recusa em autodefinir uma orientação ideológica.

Proposto por Crenshaw (2002), feminista negra norte-americana, o conceito compõe a crítica aos movimentos de feministas brancas da década de 1970, destacada pelo Feminismo Negro. O objetivo da interseccionalidade é reconhecer que as mulheres negras podem vivenciar formas de discriminação distintas das mulheres brancas em virtude do fator “racismo”. No artigo “Interseccionalidade na



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

# ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026

PROMOÇÃO

REALIZAÇÃO

FOMENTO

APOIO



discriminação de raça e gênero”, Crenshaw (2002, p. 10) afirma que, a interseccionalidade sugere uma sobreposição de grupos na escala de opressões:

[...] ao sobrepor o grupo das mulheres com o das pessoas negras, o das pessoas pobres e o das mulheres que sofrem discriminação por conta da sua idade ou por serem portadoras de alguma deficiência, vemos que as que se encontram no centro – e acredito que isso não ocorre por acaso – são as mulheres de pele mais escura e também as que tendem a ser as mais excluídas das práticas tradicionais de direitos civis e humanos.

A autora aponta, ainda, que embasar essa conceituação utilizando um eixo único de discriminação, seja ele qual for, promove um apagamento da mulher negra no que diz respeito à sua identidade e reduz as chances de resolver a origem do ato discriminatório, fator que limita qualquer análise apenas aos indivíduos privilegiados daquele grupo (CRENSHAW, 2002).

Um dos motivos pelos quais Crenshaw (2002, p. 9) afirma que, a interseccionalidade enquanto experiência, constitui um desafio ao abordar “diferenças dentro da diferença”. Portanto, “qualquer análise que não leve em consideração a interseccionalidade não irá abordar suficientemente a forma particular pela qual as mulheres negras são subordinadas” (CRENSHAW, 2002, p. 14).

Ora, essa situação torna as mulheres negras invisíveis. Em primeiro lugar, seus problemas, às vezes, ficam sub-incluídos. É como se, embora se possa falar sobre todos os problemas enfrentados pelas mulheres, suas especificidades não devessem ser discutidas. Muitas das questões não incluídas na agenda das feministas afetam especificamente mulheres negras. As análises nem sempre consideram como a raça ou a classe social contribuem para gerar as desigualdades” (CRENSHAW, 2002, p. 14).

Para Collins (2019) a interseccionalidade é um conjunto específico de práticas sociais que acompanham nossa história particular no interior de uma matriz de dominação exclusiva caracterizada por opressões interseccionais. O conceito, portanto, passou a ser desenvolvido por outras intelectuais feministas negras e se popularizou



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

# ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026

PROMOÇÃO

REALIZAÇÃO

FOMENTO

APOIO



em congressos e seminários pelo mundo, sendo inserido nos estudos de gênero em diversas áreas.

A atuação das jornalistas negras no Instagram ocorre também sob a lógica do que Zuboff (2020) denomina como capitalismo de vigilância, no qual cada interação, publicação e curtida é convertida em dados comercializáveis. Mesmo ao utilizarem a plataforma como vitrine de resistência, identidade e representatividade, essas mulheres tornam-se simultaneamente alvos de rastreamento algorítmico que captura comportamentos e emoções. Esse paradoxo — entre a visibilidade conquistada e a vigilância silenciosa — reforça a necessidade de se compreender o Instagram não apenas como um território cultural, mas também como um espaço imerso em relações de poder e exploração de dados.

Essa lógica de controle digital conecta-se ao que Jannuzzi (2023) denomina de “informação algorítmica”, caracterizada pela produção automatizada de evidências e decisões baseadas em dados que frequentemente carecem de mediação política e ética. Tal fenômeno intensifica o risco de naturalização das desigualdades sociais já existentes, ao ocultar as estruturas de opressão por trás de uma aparente neutralidade tecnológica.

Nesse sentido, Mendonça, Filgueiras e Almeida (2023) propõem compreender plataformas digitais como instituições algorítmicas que, ao se basearem em lógicas opacas de automação e extração de dados, acumulam poder normativo e moldam as práticas sociais de seus usuários. A atuação das jornalistas negras, portanto, se dá em um ambiente regulado por sistemas de decisão automatizados que não apenas distribuem visibilidade, mas também impõem critérios desiguais de reconhecimento e legitimidade.

### 3. METODOLOGIA



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

# ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026

PROMOÇÃO

REALIZAÇÃO

FOMENTO

APOIO



A metodologia desta pesquisa iniciou-se com uma revisão bibliográfica, fundamental para a compreensão do objeto de estudo e para a construção do referencial teórico. Além disso, foram utilizadas etapas iniciais da Netnografia, método desenvolvido por Kozinets (2014), que adapta procedimentos da etnografia para a observação de interações em ambientes digitais. A partir dessa abordagem, foram analisados perfis de mulheres jornalistas negras no Instagram, considerando aspectos como faixa etária, região de origem, formação acadêmica e identidade racial.

Em 6 de fevereiro de 2022, foi realizada uma busca preliminar na aba “explorar” do Instagram, utilizando as palavras-chave “jornalista negra” e “mulheres jornalistas negras”. Nessa etapa, identificou-se o perfil @jornalistasnegrosenegras, que serviu como base para a seleção inicial de participantes. A partir desse perfil, foram mapeadas 40 jornalistas negras que utilizavam a plataforma como espaço de divulgação profissional e de produção de conteúdo relacionado à sua atuação no jornalismo.

A amostra foi definida por conveniência, método no qual são selecionados participantes que apresentam maior acessibilidade e disponibilidade para colaborar com a pesquisa (FREITAS, 2018). Das 40 jornalistas convidadas, 12 aceitaram participar e responderam às entrevistas. Os convites foram enviados por meio de mensagens diretas (direct) na própria plataforma, e as entrevistas ocorreram entre janeiro e setembro de 2023.

A coleta de dados foi realizada por meio de entrevistas com questões abertas, permitindo que as participantes expressassem livremente suas percepções e experiências. As respostas foram enviadas em formato de áudios pelo aplicativo WhatsApp e posteriormente transcritas para análise.

O material coletado foi examinado com base na técnica de Análise de Conteúdo temático-categorial proposta por Bardin (2011). Esse método permite identificar padrões, recorrências e categorias temáticas presentes nos discursos das entrevistadas. As unidades de registro foram constituídas por relatos e narrativas extraídas das



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

# ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026

PROMOÇÃO

REALIZAÇÃO

FOMENTO

APOIO



entrevistas, organizadas de acordo com a frequência e a relevância dos temas identificados.

A partir desse procedimento analítico, foi possível estruturar categorias que orientaram a interpretação dos resultados, permitindo compreender de que forma as jornalistas negras utilizam o Instagram como espaço de atuação profissional e de construção de novas territorialidades no campo do jornalismo.

#### 4.1 Identidade (Frequência: 22,5%)

A categoria Identidade aborda como as jornalistas negras constroem suas trajetórias profissionais a partir de habilidades adquiridas desde a infância e as motivações pessoais para a escolha da profissão. Unidades de registro (URs):

- Habilidades prévias de escrita, leitura e comunicação: Nove jornalistas relataram intimidade com a leitura e escrita desde cedo, o que influenciou na escolha do jornalismo. Declarações como "minhas redações eram muito elogiadas" e "eu brincava de entrevistadora" demonstram como essas habilidades moldaram suas identidades profissionais.
- Escolha acertada da profissão de jornalista: Nove entrevistadas destacaram que a escolha da profissão foi uma decisão adequada, sem arrependimentos. Uma das entrevistadas reforça ao afirmar: "não consigo me imaginar sem ser trabalhando com a escrita".
- Interesse do público sobre conteúdos de raça, classe e gênero divulgados no Instagram: O Instagram amplifica debates sobre raça, classe e gênero, alcançando pessoas que antes não se envolviam com esses temas. Uma das jornalistas menciona que colegas brancos começaram a adquirir consciência racial após seguirem seu conteúdo, reforçando a importância do engajamento antirracista.



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

# ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

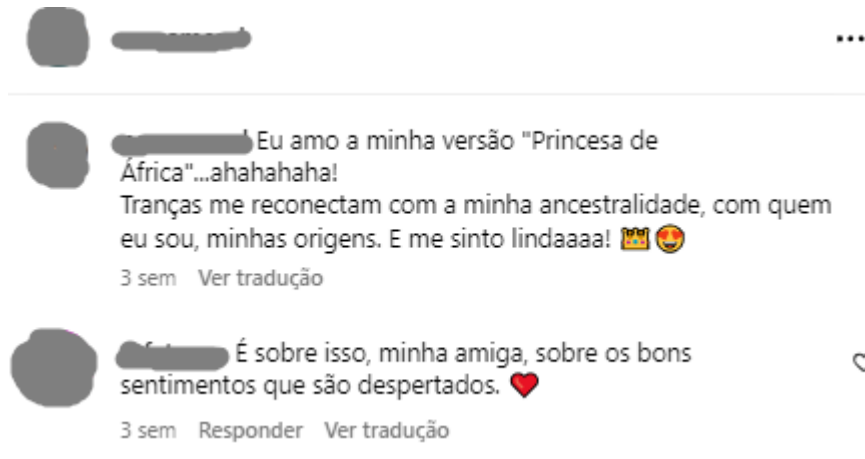
Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026



Figura 1 – Conteúdo extraído do Instagram



Fonte: Perfil do Instagram do E1.

- Repercussão no Instagram sendo uma mulher negra: A visibilidade no Instagram impacta de forma positiva a carreira das jornalistas, como mencionado por uma das entrevistadas, que afirma que seu corpo é político e gera representatividade. No entanto, uma outra jornalista aborda os desafios e reações negativas à sua visibilidade. Ela relata discriminação relacionadas à estética e o uso da plataforma quando se aborda pautas políticas e sociais, envolvendo mulheres negras.
- Instagram como forma de dar voz para as jornalistas negras: O Instagram é visto como uma das plataformas para amplificar as vozes das jornalistas negras, permitindo controle sobre suas carreiras e narrativas. Para uma das jornalistas, tem-se a possibilidade de promover uma comunicação antirracista e abrir debates sobre identidade racial e de gênero, expandindo o alcance dessas discussões para novos públicos.
- Incentivo do Governo Federal para ingresso nas universidades públicas: 75% das jornalistas entrevistadas se beneficiaram de políticas públicas como o



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

# ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026

PROMOÇÃO

REALIZAÇÃO

FOMENTO

APOIO



ProUni, sistema de cotas raciais e FIES para concluir suas graduações e iniciar suas carreiras.

#### 4.2 Teto de Vidro (Frequência: 14,9%)

A categoria Teto de Vidro examina as limitações que as jornalistas negras enfrentam no ambiente de trabalho, especialmente em relação à representatividade e à percepção de suas capacidades. Unidades de registro (URs):

- **Reconstrução do Território Cultural nas Mídias Digitais:** As jornalistas relataram que seu trabalho é fortemente influenciado por questões raciais e de pertencimento. O conteúdo que produzem promove autoconhecimento e identificação com suas comunidades, como exemplificado por uma delas: "meu trabalho passa por um processo de identificação com minha comunidade".
- **Condição de invisibilidade:** Doze entrevistadas destacaram que, especialmente para as mulheres negras, a visibilidade no meio jornalístico é limitada. "Quando falamos de mulheres negras, então, é quase invisível essas presenças".
- **Impactos da Intersecção de raça, classe e gênero:** As entrevistadas reconhecem que a intersecção de raça, classe e gênero influencia diretamente suas trajetórias profissionais, destacando como esses fatores moldam suas percepções de mundo e os desafios que enfrentam. Uma jornalista relata que entender essa intersecção fez com que buscasse "ser como a água", adaptando-se aos obstáculos, enquanto outra entrevistada destaca que, como mulher negra, a sociedade tenta limitar suas possibilidades. Essas falas reforçam a existência de um "teto de vidro", que restringe o avanço dessas jornalistas por fatores estruturais e sociais.
- **Inspirar outras mulheres por meio do conteúdo e território cultural no Instagram:** O Instagram emerge como uma ferramenta para romper o teto de



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

# ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026

PROMOÇÃO

REALIZAÇÃO

FOMENTO

APOIO



vidro ao permitir que essas mulheres negras inspirem outras a partir de suas experiências. Duas jornalistas relatam que, ao compartilhar suas histórias como mulheres negras periféricas, elas mostram que é possível superar as adversidades. Esse processo de inspiração também se conecta à busca por maior representatividade e ao fortalecimento de suas comunidades. No entanto, o próprio uso do Instagram para quebrar barreiras evidencia que a mídia tradicional ainda oferece poucos espaços de visibilidade para mulheres negras.

- **Motivações para a profissão de jornalista:** Essas motivações foram impulsionadas por vivências ligadas a raça e classe, além da oportunidade de levantar questões que as atravessam pessoalmente. Essas jornalistas optaram pelo jornalismo como uma forma de contribuir para a mudança social, ao abordar temas que frequentemente são ignorados na grande mídia. No entanto, sua atuação em espaços tradicionalmente dominados por brancos revela o teto de vidro que persiste no ambiente jornalístico.
- **Preconceito racial:** O preconceito racial é um dos principais aspectos que limitam o avanço das jornalistas negras, reforçando o teto de vidro. Uma jornalista entrevistada menciona ter seu diploma questionado por colegas de trabalho, enquanto outra profissional relata receber ataques de haters em razão de sua cor de pele. Essas experiências de discriminação racial mostram como o teto de vidro não se manifesta apenas na ausência de oportunidades, mas também em formas de violência simbólica que afetam a autoestima e a carreira dessas profissionais.
- **Representatividade:** A questão da representatividade surge como um mecanismo para tentativa de quebra do teto de vidro. Uma das entrevistadas observa que sua presença na mídia gera admiração e é vista como um exemplo para outras mulheres negras, enquanto outra jornalista destaca que, ao longo de sua carreira, passou a focar em reportagens de cunho social. A



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

# ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026

PROMOÇÃO

REALIZAÇÃO

FOMENTO

APOIO



representatividade se torna uma forma de desestabilizar as barreiras impostas, mas as jornalistas ainda enfrentam resistências em suas atuações.

- Falta de representatividade: A falta de representatividade de mulheres negras nas redações e no jornalismo, de forma geral, é outro fator que compõe o teto de vidro. Uma das jornalistas, disse ter sido a primeira repórter negra contratada por uma emissora, sublinha como sua presença é um caso raro e não reflete uma mudança estrutural no mercado de trabalho. A ausência de outras mulheres negras nesses espaços perpetua a exclusão e reforça as dificuldades de ascensão dessas profissionais.

#### 4.3 Redes Sociais e Novas Territorialidades (Frequência: 47,4%)

Nesta categoria, o Instagram é visto como um território emergente para o exercício da profissão e para a construção de novas formas de representatividade. Unidades de registro (URs):

Atuação no Instagram como fonte de renda: O Instagram, para as jornalistas entrevistadas, não é a principal fonte de renda, mas sim uma ferramenta complementar de divulgação. Duas jornalistas mencionam que utilizam a plataforma para promover seus negócios ou empreendimentos, mas suas rendas principais provêm de outros empregos ou atividades empresariais.

- Engajamento do conteúdo orgânico no Instagram: Oito jornalistas relataram que o engajamento nas redes sociais é maior quando abordam questões sociais, raciais e de gênero. Uma jornalista menciona que seus seguidores, especialmente brancos, passaram a se conscientizar sobre identidade racial por meio de seus conteúdos.
- Dificuldades no digital: Uma jornalista destaca os desafios de trabalhar com conteúdo digital, enfatizando a necessidade constante de audiência e cliques para manter relevância e remuneração adequada. O ambiente digital é descrito



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

# ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026

PROMOÇÃO

REALIZAÇÃO

FOMENTO

APOIO



como sobrecarregado e mal remunerado, contrastando com as narrativas otimizadas que muitas vezes são propagadas sobre o sucesso nas mídias sociais.

- Não gosta de se expor no Instagram: Uma jornalista relata resistência em se expor no Instagram, uma dificuldade que afeta diretamente sua capacidade de manter uma presença consistente na plataforma. Embora reconheça a importância de divulgar seu trabalho, sua preferência por uma abordagem mais discreta e sua dificuldade em lidar com a disciplina necessária para criar conteúdo regular refletem um desconforto com as exigências de visibilidade pessoal que a plataforma impõe.

## 5. ANÁLISE / DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Os resultados das entrevistas evidenciam as barreiras enfrentadas por jornalistas negras no Brasil, relacionadas ao chamado “triplo teto de vidro” — intersecção de raça, gênero e classe — amplamente discutido na literatura (MOURA; COSTA, 2018). Esse conjunto de fatores limita a progressão profissional dessas mulheres tanto na mídia tradicional quanto em ambientes digitais. As entrevistadas apontam que a escolha pelo jornalismo está fortemente vinculada ao desejo de promover transformações sociais e ampliar a representatividade. Para muitas delas, a profissão é também uma forma de resistência e afirmação identitária. Uma das participantes destacou que o jornalismo lhe permite “contribuir para mudanças sociais e abordar temas que atravessam minha realidade de mulher negra”, enquanto outra afirmou que sua trajetória pode inspirar outras mulheres negras a acreditarem em suas possibilidades profissionais.

Apesar de avanços proporcionados por políticas públicas de inclusão no ensino superior, como o PROUNI (SILVA; CUNHA, 2020), os dados indicam que a inserção dessas profissionais no mercado de trabalho ainda ocorre em condições desiguais. A pesquisa “Perfil Racial da Imprensa Brasileira” (PORTAL DOS JORNALISTAS, 2021)



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

# ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026

PROMOÇÃO

REALIZAÇÃO

FOMENTO

APOIO



revela que apenas 20,10% dos jornalistas no país são negros, sendo a maioria concentrada em posições de menor visibilidade. Esse cenário também aparece nas narrativas das entrevistadas, que relatam episódios de discriminação e questionamentos sobre sua qualificação profissional, evidenciando que o teto de vidro afeta não apenas as oportunidades de carreira, mas também a percepção de pertencimento e reconhecimento dessas profissionais no campo jornalístico.

Nesse contexto, o Instagram surge como um território cultural alternativo para a atuação dessas jornalistas. A plataforma permite maior autonomia na produção de conteúdo e no controle das narrativas, favorecendo discussões sobre raça, gênero e classe. Como relatou uma entrevistada, nas redes sociais é possível discutir essas questões “com mais liberdade do que na mídia tradicional”. Além disso, os conteúdos produzidos pelas jornalistas negras tendem a gerar maior engajamento quando abordam temas sociais e raciais, ampliando o alcance dessas discussões e fortalecendo a representatividade.

Entretanto, o ambiente digital também apresenta desafios significativos. As entrevistadas relataram experiências de discriminação e ataques racistas nas redes sociais, indicando que as dinâmicas de exclusão presentes na mídia tradicional também se manifestam no espaço online. Assim, embora o Instagram funcione como uma plataforma de visibilidade e expressão, ele também expõe essas profissionais a novas formas de violência simbólica.

De modo geral, os resultados indicam que o Instagram exerce um papel ambivalente na trajetória profissional das jornalistas negras. Ao mesmo tempo em que amplia possibilidades de expressão, autonomia e representatividade, também reproduz desigualdades estruturais presentes na sociedade. Ainda assim, ao ocuparem esses espaços digitais, essas jornalistas desafiam o triplo teto de vidro e contribuem para a construção de um jornalismo mais diverso e antirracista, apontando para a



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

# ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026

PROMOÇÃO

REALIZAÇÃO

FOMENTO

APOIO



necessidade de políticas e práticas que promovam ambientes profissionais mais inclusivos e equitativos.

## REFERÊNCIAS

ANTONIO, A.C.H.; PAIERO, D. A mulher negra como apresentadora de televisão. *In: JORNADA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA*, 15; *MOSTRA DE INICIAÇÃO TECNOLÓGICA*, 9, [S.l.], 2019. **Anais [...]**. [S.l.:s.n.]: 2019.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BRASIL. **Lei n.12.711, de 29 de agosto de 2012**. Dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio e dá outras providências. Brasília: Presidência da República, 2012. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2011-2014/2012/lei/112711.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/112711.htm). Acesso em: 30 abr. 2024.

COLLINS, P. H. **Interseccionalidade como crítica social**. São Paulo: Boitempo, 2019.

COSTA, A. F. **Instagram como ferramenta de comunicação e marketing digital**: uma análise de suas funcionalidades. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2018.

CRENSHAW, K. “A interseccionalidade na discriminação de raça e gênero”. **Estudos feministas**, Salvador, n. 1, 2002. Disponível em: <https://giefas.org/download/biblioteca/feminismo-antirracismo/Kimberle-Crenshaw.-A-interseccionalidade.-de-raza-y-genero.pdf>. Acesso em: 30 out. 2023.

FARIA, L. *et al.* “Nega de ninguém”: a condição da mulher negra no mercado de trabalho contemporâneo. **Percursos**, Maringá, v. 4, n. 31, p. 128-131, 2019.

FERNANDEZ, B.P.M. Teto de vidro, piso pegajoso e desigualdade de gênero no mercado de trabalho brasileiro à luz da economia feminista: por que as iniquidades persistem? **Cadernos de campo**: revista de ciências sociais, São Paulo, n. 26, p. 79-104, 2019.



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

# ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026

PROMOÇÃO

REALIZAÇÃO

FOMENTO

APOIO



FOLETTTO, R.; FIEPKE, R.B.; WILHELM, E. Usos da internet como meio de comunicação e fonte de informação por idosos. **Contemporânea: revista de comunicação e cultura**, Salvador, v. 16, n. 2, p. 504-518, 2018.

FREITAS, R.M.K. Amostras sociolinguísticas: probabilísticas ou por conveniência? **Revista de Estudos da Linguagem**, Belo Horizonte, v. 26, n. 2, p. 667-686, 2018.

JANNUZZI, P. **Políticas públicas, valores e evidências**. Campinas: Alínea Editora, 2024.

KOZINETS, R. **Netnografia: realizando pesquisa etnográfica online**. Porto Alegre: Penso, 2014.

MARQUES, L.K.S.; VIDIGAL, F. Prosumers e redes sociais como fontes de informação mercadológica: uma análise sob a perspectiva da inteligência competitiva em empresas brasileiras. **Transinformação**, Campinas, v. 30, p. 1-14, 2018.

MENDONÇA, R.; FILGUEIRAS, F.; ALMEIDA, V. **Algorithmic Institutionalism: The Changing Rules of Social and Political Life**. Oxford: Oxford University Press, 2024.

MESQUITA, J.S.; TEIXEIRA, J.C. Teto de vidro: por que as discussões pararam no tempo? um olhar sob a perspectiva da interseccionalidade. *In: ENCONTRO DE ESTUDOS ORGANIZACIONAIS DA ANPAD*, 10, [S.l.], 2019. **Anais [...]**. [S.l.:s.n.], 2019.

MOURA, D.O. As mulheres jornalistas negras e a identificação do teto de vidro gênero/raça/classe? no processo de feminização do jornalismo no Brasil. *In: SER NEGRA: SEMANA DE REFLEXÕES SOBRE NEGRITUDE, GÊNERO E RAÇA DO IFB*, 7, Brasília, 2018. **Anais [...]**. Brasília: IFB, 2018.

MOURA, D.O.; COSTA, H. Mulheres jornalistas e o “teto de vidro gênero/raça/classe” a tensionar a carreira das jornalistas negras brasileiras. *In: AGUIAR, L.; SILVA, M.; MARTINEZ, M. (Org.). Desigualdades, relações de gênero e estudos de jornalismo*. São Paulo: Life Editora, 2018.

MOURA, D.O. Excluídas dentre as excluídas: as jornalistas negras perante o. *In: BELISÁRIO, K.; MOURA, D.O.; GUAZINA, L.S. (Org.). Gênero em pauta: desconstruindo violências, construindo novos caminhos*. Curitiba: Appris, 2019. p. 139-151.



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

# ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026

PROMOÇÃO

REALIZAÇÃO

FOMENTO

APOIO



MOURA, D. O.; FIGUEIREDO, V.; NUNES, Juliana César. Mídias sociais como plataformas contra o excesso de esquecimento coletivo. *In: Medina, C. et al. (Org.). **Jornalismo e literatura: aventuras da memória**. Braga: Editora do Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade, 2012. v. 1, p. 9-223.*

PASSONI, T.T.C. **A motivação feminina no ato de empreender em mídias de jornalismo alternativo**. 2019. 106f. Dissertação (Mestrado em Jornalismo) – Universidade da Beira do Interior, Covilhã, 2019. Disponível em: [https://ubibliorum.ubi.pt/bitstream/10400.6/10499/1/7196\\_15216.pdf](https://ubibliorum.ubi.pt/bitstream/10400.6/10499/1/7196_15216.pdf). Acesso em: 25 set. 2023.

PORTAL DOS JORNALISTAS. Estudo aponta que negros são 20,10% dos jornalistas brasileiros e mulheres, 36,60%. [S.l.], 19 nov. 2021. Disponível em: <https://www.portaldosjornalistas.com.br/confira-o-perfil-racial-da-imprensa-brasileira/>. Acesso em: 15 jul. 2023.

SILVA, R.M.; CUNHA, M.S. da. Impacto do PROUNI no desempenho acadêmico: uma análise de gênero e raça. **Estudos em avaliação educacional**, São Paulo, v. 31, n. 76, p. 164-194, jan./abr. 2020. Disponível em: <https://publicacoes.fcc.org.br/eae/article/view/6929/3967>. Acesso em: 30 nov. 2023.

SILVA, V.H.; OTAVIO, M. Acesso à internet cresce no Brasil e chega a 84% da população em 2023, diz pesquisa. **G1**, São Paulo, 16 nov. 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2023/11/16/acesso-a-internet-cresce-no-brasil-e-chega-a-84percent-da-populacao-em-2023-diz-pesquisa.ghtml>. Acesso em: 19 jan. 2023.

SILVA, T. **Racismo algorítmico: inteligência artificial e discriminação nas redes digitais**. São Paulo: Ed. Sesc/SP, 2022.

TELES, A.M.; MOURA, D.O. As divergências entre jornalistas pretas e brancas que atuam nos setores de comunicação dos institutos federais. *In: COLÓQUIO INTERNACIONAL COMUNICAÇÃO E GÊNERO*, 1, 2023. **Anais [...]**. Brasília: Unb, 2023.

TELES, A. M.; MOURA, D. O. Disparidades entre jornalistas negras e brancas que atuam nos setores de comunicação dos Institutos Federais: a presença do triplo telhado de vidro raça/gênero/classe. **Pauta Geral: estudos em jornalismo**, Ponta Grossa, v. 11, n. 1, p. 212-227, 2024.



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

# ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026

PROMOÇÃO

REALIZAÇÃO

FOMENTO

APOIO



UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. **Desigualdade de gênero é maior nos níveis mais elevados da carreira acadêmica.** Escola de Comunicações e Artes, 2023. Disponível em: <https://www.eca.usp.br/noticias/pos/desigualdade-de-genero-e-maior-nos-niveis-mais-elevados-da-carreira-academica>. Acesso em: 17 nov. 2024.